



OS AGENTES FORMADORES DO ESPAÇO URBANO DA CIDADE DE VIÇOSA, ALAGOAS - BRASIL

Vanderlan Cassimiro da Silva
Graduado em Geografia Bacharelado pelo IGDema - UFAL
wanderlan2011@hotmail.com

Jaílton Elias da Silva
Graduado em Geografia Bacharelado pelo IGDema - UFAL
jailtonufal@hotmail.com

Sinval Autran Mendes Guimarães Júnior
Universidade Federal de Alagoas – LGA-IGDema-UFAL
sinval.autran@igdema.ufal.br

RESUMO – O espaço urbano é o meio que possibilita o desenvolvimento das atividades, relações e manifestações humanas, produzido em diferentes escalas e sofre intervenções dos agentes formadores que atuam no processo de construção da cidade. O presente trabalho busca mostrar a evolução histórica da ação dos principais agentes formadores do espaço urbano da cidade de Viçosa - Alagoas, onde se buscou analisar o poder desses agentes na produção do espaço, visando entender de que forma este espaço é produzido pela sociedade urbana. Como trajetória metodológica, foram realizadas leituras de autores como: Santos (1988), Correa (2004), Carlos (2005) e Botelho (2007), e também pesquisas exploratórias de campo na cidade. A pesquisa mostrou que até a metade do século XX o agente proprietário foi determinante para expansão da área urbana. Posteriormente o Estado aumenta sua intervenção com a produção de conjuntos habitacionais, que historicamente teve um crescimento mais rápido por meio da construção de unidades habitacionais populares, porém recentemente é notável a modificações no espaço e na paisagem promovidas pelos agentes imobiliários. Esses três agentes citados anteriormente são responsáveis por (re) organizar o espaço urbano na cidade de Viçosa, que dependendo da maneira como é formado e modificado leva a consequências positivas ou negativas.

Palavras-chave: Sociedade, Expansão urbana, Agentes imobiliários.

THE AGENTS FORMING THE URBAN SPACE OF THE CITY OF VIÇOSA, ALAGOAS - BRAZIL

ABSTRACT – Urban space is the medium that enables the development of human activities, relationships and manifestations, produced on different scales and undergoes interventions by the training agents who work in the process of building the city. The present work seeks to show the historical evolution of the action of the main agents of urban space in the city of Viçosa - Alagoas, where it was sought to analyze the power of these agents in the production of space, in order to understand how this space is produced by urban society. As a methodological trajectory, readings of authors such as Santos (1988), Correa (2004), Carlos (2005) and Botelho (2007) were carried out, as well as exploratory field surveys in the city. The research showed that until the middle of the 20th century the owner agent was determinant for the expansion of the urban area. Subsequently, the State increases its intervention with the production of housing estates, which historically grew faster through the construction of housing units, but recently it is notable for the changes in space and landscape promoted by real estate agents. These three agents mentioned above are responsible for (re) organizing the urban space in the city of Viçosa, which depends on the way it is formed and modified leads to positive or negative consequences.

Keywords: Society, Urban expansion, Real estate agents.

INTRODUÇÃO

O tema abordado neste trabalho, os agentes formadores do espaço urbano da cidade de Viçosa - Alagoas se originou a partir de inquietações presentes na forma como vem se transformando a área urbana e de expansão da referida cidade. O trabalho discute a produção do espaço urbano a partir da ocupação da cidade desde os primeiros indícios de urbanização até chegar à sua formação atual.

O espaço urbano é o meio que possibilita o desenvolvimento das atividades, das relações e das manifestações humanas, geralmente produzidas, a partir de intervenções de diferentes agentes, nos quais refletem os problemas existentes na sociedade. Esse espaço é produzido através de ações desses agentes, sejam eles coletivos (públicos ou privados) e até mesmo de forma individual ou não.

O objetivo central deste trabalho foi traçar uma evolução histórica da ação dos agentes na atual formação urbana da cidade como também se procurou analisar como ações desses ajudaram consolidara as construções dos bairros e o papel dos agentes nesta formação contribuindo na moldura atual da cidade de Viçosa. Este trabalho tem o propósito de mostrar, de uma forma geral, como estão estruturadas as condições do espaço urbano. Após a escolha do tema, realizou-se uma pesquisa bibliográfica entre os livros, trabalhos de conclusão de curso e outros arquivos que já haviam sido escrito, que foi trabalhado com o tema. Pois se sabe que a habitação é indispensável à sobrevivência humana, e a construção de novas moradias faz-se necessária para atender a demanda da sociedade. O desenvolvimento metodológico consistiu na realização de levantamento e revisão bibliográfica sobre o tema, como também análise de imagens de satélite e fotografias que comprovam a evolução urbana da referida cidade, em épocas distintas.

O trabalho está fundamentado nas concepções teórico-conceituais de estudos produzidos por Santos (1988), Correa (2004), Carlos (2005) e Botelho (2007), entre outros autores que trabalha com o tema. A metodologia escolhida para nortear a pesquisa foi por meio de análise paisagística e fotográfica que retratam a atual formação do espaço urbano de Viçosa. Nesse sentido, o trabalho procura discutir, o reconhecimento da importância da produção do espaço urbano da cidade de Viçosa e o uso deste como forma de poder social, bem como, as transformações e os agentes que as regulam, trazendo a luz, a questão da urbanização da cidade, como ela se formou e as mudanças impostas pelo crescimento desordenado, acompanhado de novas áreas urbanas. O trabalho procura expor também, as mudanças provocadas pelo sistema capitalista de produção e sua interferência no espaço urbano, gerador de novas formas de expansão e reprodução, que se refletem nessa sociedade. Busca-se analisar assim, de que forma o espaço é produzido pela mesma, partindo da concepção que o espaço é fruto das relações sociais de produção marcadas diretamente pela atuação dos seus atores sociais.

Nesse sentido, a expansão do seu sítio urbano e o surgimento de novas áreas no seu entorno da cidade, desperta o interesse de se entender os processos de produção e reprodução do espaço urbano neste município, sobretudo pela especulação imobiliária. Nesse contexto, o Estado teve papel decisivo com a construção de conjuntos habitacionais no seu entorno, surgidos no início de 1970.

ASPECTOS GERAIS

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade de Viçosa é a sede do município homônimo (Figura 1), localizado na Mesorregião Geográfica Serrana dos Quilombos, no estado de Alagoas. O município limita-se a norte com o município de Chã Preta, a sul com Mar Vermelho e Pindoba, a leste com Cajueiro e Capela e a oeste com Paulo Jacinto. Possui uma área na unidade territorial de 372,907 km². A sua sede dista a 86 quilômetros da capital Maceió, localizada pelo paralelo 9°22'17" Sul e o meridiano 36°14'27" Oeste de Greenwich, com uma altitude do seu centro comercial de 210 metros. Seus principais acessos se dão por rodovias pavimentadas BR-316, AL-204 e a AL-110. Apesar de ultimamente ter passado por dificuldades econômicas e sociais, o município ainda é um centro muito importante do Vale do Rio Paraíba-do-Meio. Possuindo o terceiro maior PIB, o segundo melhor IDH e sendo a segunda maior cidade (IBGE, 2010a).

O espaço que viria ser o primeiro núcleo de povoamento de Viçosa foi “fundado” em 1790 por Manoel Francisco e elevado à categoria de Vila em 13 de outubro de 1831, e à categoria de cidade em 16 de maio de 1892. A sua população estimada era em 2010 de 25407 habitantes, o que lhe conferia uma densidade demográfica de 74,00 hab/km². (IBGE, 2010a).

Após a sua emancipação, a cidade entrou em forte desenvolvimento sendo a maior economia do interior e a segunda maior cidade do estado. Nesse período, o município vivenciou seu apogeu econômico (cana-de-açúcar e o algodão), social, cultural e político, já que em Viçosa nasceram o menestrel das Alagoas, o senador Teotônio Vilela e seu irmão Cardeal Primaz do Brasil Dom Avelar. Também é de Viçosa o primeiro tradutor brasileiro do Manifesto Comunista, o militante Octávio Brandão. Viçosa criou poetas da estirpe de Manoel Neném e Zé do Cavaquinho, criou também a escola folclórica conhecida em todo o Brasil com Théo Brandão, José Aloísio Vilela, José Pimentel e José Maria de Melo. Em Viçosa, morou o escritor Graciliano Ramos, na qual se inspirou para escrever o romance São Bernardo. Em Viçosa, na Serra Dois Irmãos, tombou o líder guerreiro Zumbi dos Palmares (IBGE, 2010b; ENCICLOPÉDIA MUNICÍPIOS DE ALAGOAS, 2012).

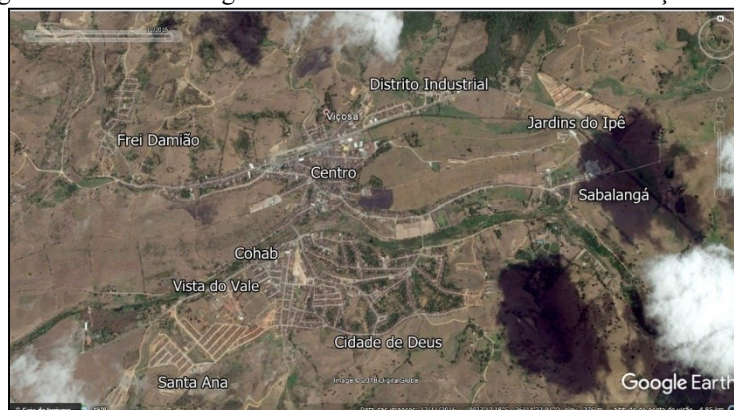
Figura 1. Localização do município de Viçosa - Alagoas - Brasil.



Fonte: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/vicosa/panorama>>. Acesso em: 18 de jan. de 2018.

A cidade de Viçosa (Figura 2), como tantas outras cidades do Brasil, apresentam vários problemas habitacionais. Em escala local, verifica-se por meio de documentos e livros a participação do Estado no crescimento urbano da cidade na construção de conjuntos habitacionais populares. Os conjuntos habitacionais foram criados para famílias de baixa renda visando reduzir o déficit habitacional do município.

Figura 2. Imagem extraída do Google Earth do sítio urbano da cidade de Viçosa - Alagoas – Brasil



Fonte: Google Earth-Mapas. Disponível em: <<http://maps.google.com/>>. Acesso em: 20 de jan. de 2018

REVISÃO DA LITERATURA

A produção do espaço urbano

O espaço urbano e a sua formação são estudo da geografia, em especial da geografia urbana, que procura explicar a reconfiguração do espaço total, social e seus diversos recortes. Cada sociedade vê o espaço urbano de forma diferenciada, visão esta que está diretamente ligada às concepções sociais e culturais.

O espaço urbano é artificial. A construção e a distribuição da sua população não apresenta um papel que seja indiferente na vida e no desenvolvimento das transformações econômicas e sociais. Assim a transformação do espaço não ocorre de forma neutra; elas são determinadas pelos autores sociais, articuladores responsáveis pela produção do espaço urbano. Todos os espaços são geográficos, já que eles são determinados pelo movimento da sociedade e seus meio de produção (SANTOS, 2014).

O espaço urbano é um conjunto de diferentes usos da terra. Nesse sentido, Corrêa (2005, p. 145) afirma que: “[...] o espaço urbano é fragmentado e articulado, reflexo e condição social, e campo simbólico e de lutas”. O espaço urbano é complexo, por natureza um produto do espaço reproduzido por diversas relações da sociedade. Considera-se o espaço urbano como produto da sociedade, tendo o homem como o norteador desse processo. Isso significa que o homem é a parte do processo histórico nas suas relações com o meio e entre os outros homens.

Esse ponto de vista enfatiza a necessidade de entender essas relações historicamente, observando não apenas o momento que esse modo de produção se instala, mas o conjunto de fatores preexistentes, uma vez que esses fatores interferirão nas relações do novo modo de produção do espaço. Assim ressalta “Ao produzir sua vida (sua história, a realidade) a sociedade produz, concomitantemente, o espaço geográfico” (CARLOS, 2007, p. 25). É possível dizer então que o modo de produção modela e remodela o espaço já existente, mas também, que o espaço configurado em um momento histórico anterior é condicionante de novas práticas que nele se estabelecerão.

O espaço geográfico é condicionante das transformações constantes da produção do espaço urbano, sendo assim um processo dinâmico difundido em diferentes escalas e formas. Ou seja, cada sociedade vê o espaço de uma forma que diretamente estará ligada às suas concepções sociais e culturais. A produção do espaço urbano dá-se assim, a partir das relações sociais marcadas pela atuação dos agentes sociais. Nesse sentido, o espaço está em constante transformação sendo inseparável do tempo. Tempo, espaço e mundo são realidades históricas, que devem ser mutuamente conversíveis, como afirma Santos: [...]: o espaço e seu uso; o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas; as ações e suas diversas feições. É por intermédio das técnicas que o homem, no trabalho, realiza essa união entre espaço e tempo (2014, p.54).

O espaço urbano subjuga o trabalho humano e, por conseguinte, as ações das necessidades de reprodução do espaço que produzem a cidade. Na geografia, o espaço urbano possui uma objetivação do estudo da cidade. As ações do processo produtivo nos espaços urbanos unem e separam o homem. Acerca do uso do espaço dá a ideia de construção, de produção ativa nas relações que permitem evidenciar nas relações sociais a vida cotidiana.

Acerca do espaço urbano vale ressaltar que:

Acerca da estruturação do espaço urbano, uma questão inicial que merece destaque, segundo observação de Castells (1983), compreender que o espaço urbano é estruturado implica em compreender que este espaço não se (re) organiza ao acaso, mas a partir de determinações e conflitos de interesses. A partir dessa formulação pode-se depreender que a estruturação do espaço faz-se constituída do resultado (sempre incluso) dos embates, sintetizados principalmente na organização econômica, social política e os interesses dos grupos sociais dominantes. (OLIVEIRA JÚNIOR, 2008, p. 8).

O espaço urbano como produto da materialização dos interesses dos grupos sociais, serve como ferramenta para a ação e pensamento, funcionando como um meio de produção, de controle e dominação dos diversos grupos sociais que compõe a estruturação do espaço.

O uso do espaço como fonte de poder social

O espaço urbano tem sua produção ligada ao jogo de interesses entre seus agentes produtores. Considerando-se que a transformação e o uso do solo são determinados pelos agentes produtores do espaço urbano, as áreas urbanas exercem forte influência sobre o seu entorno. O processo do uso do espaço se transformou, e tem assumido como outras formas de riqueza o significado de reserva de valor, que tem transformado os espaços antes naturais em espaços produtivos, dando-lhe significado econômico.

No âmbito da questão dessa transformação dos usos do solo destaca-se o papel dos agentes de produção do espaço urbano. As transformações do espaço natural em espaço produtivos é resultado de uma série de decisões na medida em que a produção e o consumo do espaço são regulados pela necessidade, assumindo como outras formas de riqueza o significado de reserva de valor. Nesse sentido, ressalta-se que:

“A separação entre homem e natureza, valor de uso e valor de troca sinaliza a extensão do processo de desenvolvimento do mundo da mercadoria que embasa o processo de produção do espaço urbano, transformando-o em mercadoria valorizada pelo processo de urbanização da sociedade, e, com ele, eliminando referenciais volatilizando relações sociais e gerando individualismo”. (CARLOS, 2007, p. 50).

O conjunto de diferentes usos da terra, a fragmentação citada anteriormente, é caracterizado pela justaposição de diferentes paisagens e o uso da terra. A fragmentação espacial cria um mosaico urbano decorrente da ação dos diversos agentes que modelam o espaço urbano. Diante dessa modelagem nos permite dizer que a produção e o consumo do espaço urbano sintetizam o valor do seu uso.

Assim Botelho afirma que:

À dimensão utilitária do espaço, que o torna um valor de uso para a sociedade, se sobrepõem determinações históricas da produção e da reprodução social, as quais, sob a vigência das relações capitalistas de produção, sintetizam o valor de troca e o valor de uso. O valor de troca se sobrepõe ao valor de uso, o que significa que, para se usufruir determinados atributos do lugar é preciso que se realize, antes de tudo seu valor de troca. (2007, p. 23).

Portanto, o desenvolvimento das relações nesse modo de produção permite a troca e o consumo do espaço, conforme foi ressaltado na citação anterior. Nesse processo, existem diversos atores sociais responsáveis pela reprodução do urbano e cada um atua de acordo com seus interesses. Contudo, o espaço não se constitui como objeto neutro para a sociedade, mas está sempre se reproduzindo a partir de seu valor de troca e de usos. Ou seja, “O espaço não pode mais ser concebido como passivo, vazio ou então, como os produtos [...] não tendo outro sentido senão o de ser trocado, o de ser consumido”. (LEFEBVRE, 2000, p. 5).

O espaço urbano é complexo, é produzido e ao mesmo tempo organizado pela sociedade, daí a discussão do papel ativo da materialidade na reprodução desse espaço constituído como urbano. Diante disso, esse processo de materialidade desenvolve-se ora de modo harmonioso, ora em meio a conflitos.

No uso do espaço como poder social é possível dizer então que o modo de produção modela e remodela o espaço já existente, como também, que o espaço configurado em um momento

histórico anterior é condicionante de novas práticas que nele se estabelecerão. Nesse contexto, o uso do espaço merece um destaque singular, visto que é por meio do modo como ocorre que regula as dinâmicas da sociedade. Assim afirmamos com base em Santos que “O espaço é resultado da ação do homem sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais” (SANTOS e ELIAS, 1988, p. 71).

Portanto, é necessário analisar as diferentes lógicas da produção do espaço urbano, já que esta possui estreita relação com os interesses dos que nela estão envolvidos, sendo ainda realiza de forma coletiva, porém sua apropriação se dá de forma privada e seletiva. De modo que não mais interessa o valor de uso, mas sim o valor de troca do espaço. Por isso o espaço urbano é um condicionante social, pois o espaço construído desempenha um papel importante na produção do capital e na reprodução da sociedade. Nesse contexto, as ações exercidas dos agentes transformadores do espaço urbano desempenham um papel regulador, torna o uso do solo urbano uma mercadoria. Portanto, “[...] são os diversos modos de apropriação do espaço que vão pressupor as diferenciações de uso do solo e a competição que será criada pelos usos, e no interior do mesmo uso. Como os interesses e as necessidades dos indivíduos são contraditórios, a ocupação do espaço não se fará sem contradição e, portanto sem luta”. (CARLOS, 2001, p.42).

As ações dos agentes na formação do espaço urbano

Segundo Roberto Lobato Corrêa (2012), estes agentes podem ser: (a) os proprietários dos meios de produção; (b) os proprietários fundiários; (c) os promotores imobiliários, (d) o Estado e (e) os grupos sociais excluídos. Estes agentes estão inseridos dentro de uma temporalidade e assim se utilizam das técnicas existentes naquele período de tempo para realizar sua espacialização. Deste modo, eles materializam no espaço os processos e os fenômenos sociais no local onde atuam.

De acordo com Corrêa, se faz necessário entender que:

- em primeiro lugar, a ação destes agentes se faz dentro de um marco jurídico que regula a atuação deles. Este marco não é neutro, refletindo o interesse dominante de um dos agentes.
- a ação desses agentes serve ao propósito dominante da sociedade capitalista, que é o da reprodução das relações de produção, implicando a continuidade do processo de acumulação e a tentativa de minimizar os conflitos sociais.
- no estágio atual do capitalismo, os grandes capitais industriais, financeiro e imobiliário podem estar integrados indireta e diretamente, neste caso em grandes corporações que, além de outras atividades, compram, especulam, financiam, administram e produzem espaço urbano.
- é importante notar que as estratégias que estes agentes adotam variam no tempo e no espaço, e esta variabilidade decorre tanto de causas externas aos agentes, como de causas internas, vinculadas as contradições inerentes ao tipo de capital de cada agente face ao movimento geral de acumulação capitalista e dos conflitos de classe. (2004, p. 12-13).

Estes cinco agentes propostos por Roberto Lobato Corrêa atuam das mais diversas maneiras, de acordo com suas possibilidades e objetivos. Eles podem apresentar estratégias e práticas distintas em um mesmo agente, por exemplo, o proprietário dos meios de produção que passa a investir parte do seu capital na compra de terras esperando sua valorização atuando assim como um proprietário fundiário.

Os proprietários fundiários podem então exercer pressão junto ao Estado, especialmente na instância municipal, visando interferir no processo de definição das leis de uso do solo e do zoneamento urbano. Ou seja, “[...] Esta pressão não é feita uniformemente nem beneficia a todos

os proprietários fundiários. Alguns, os mais poderosos, poderão até mesmo ter suas terras valorizadas através do investimento público em infraestrutura, especialmente a viária: as cidades brasileiras fornecem vários exemplos desta prática”. (CORRÊA, 2004, p. 16). Sendo assim, elas podem também apresentar práticas semelhantes em diferentes agentes, como por exemplo, o Estado, que pode construir vias para uma dar acesso a um novo conjunto habitacional ou aos promotores imobiliários que podem construir vias para um condomínio de luxo.

Dentre os cinco o Estados apresenta-se, muitas vezes, como o principal agente produtor do espaço. Tendo em vista que ele controla o marco jurídico (leis sobre a utilização do espaço), além de armazenar grande estoque de terras e é por ele que, muitas vezes, são construídas as condições necessárias para a produção dos demais agentes. O Estado estabelece relações diretas e indiretas com os outros agentes de produção. Muitas vezes, tais relações são benéficas, quando geram um espaço produzido e pensado para a sociedade de um modo geral. No entanto, muitas vezes, tais relações são entrecortadas por relações clientelistas onde estão em jogo interesses individuais que se utilizam o Estado para alcançar objetivos próprios. Nesse sentido, Corrêa enfatiza que:

É preciso considerar que a ação do Estado processa-se em três níveis político- administrativos e espaciais: federal, estadual e municipal. A cada um destes níveis sua atuação muda, assim como o discurso que encobre os interesses dominantes. É no nível municipal, no entanto, que estes interesses se tornam mais evidentes e o discurso menos eficaz. Afinal a legislação garante à municipalidade muitos poderes sobre o espaço urbano, poderes que advêm, ao que parece, de uma longa tradição reforçada pelo fato de que, numa economia cada vez mais monopolista, os setores fundiários e imobiliários, menos concentrados, constituem-se em fértil campo de atuação para as elites locais. (2004, p. 26).

Nem sempre o espaço é produzido de maneira legal (dentro dos parâmetros da lei), muitas vezes, grupos sociais excluídos tomam forma de agentes produtores do espaço ao construírem sobre terras invadidas ou loteamentos populares. Tais construções destacam-se, muitas vezes, pelas precárias condições e pela atuação, em seus arredores, de agentes sociais ligados à criminalidade, pela localização em áreas sem saneamento básico, unidades de saúde ou escolas, sendo essas ocupações irregulares denominadas em sua maioria como favelas onde:

[...] Os grupos sociais excluídos tornam-se, efetivamente, agentes modeladores, produzindo seu próprio espaço, na maioria dos casos independentes e a despeito dos outros agentes. A produção deste espaço é, antes de mais nada, uma forma de resistência e, ao mesmo tempo, uma estratégia de sobrevivência. Resistência e sobrevivência às adversidades impostas aos grupos sociais recém-expulsos do campo ou provenientes de áreas urbanas submetidas às operações de renovação, que lutam pelo direito a cidade. (CORRÊA, 2004, p. 30).

Deste modo, podemos perceber que a terra urbana é alvo de disputa de diferentes agentes (legalmente organizados ou não) que querem sobre ela produzir estruturas de acordo com seus interesses ou necessidades. Tal disputa gera sobre este espaço uma constante tensão que se materializa, muitas vezes, em conflitos (desapropriações, invasões etc.). Deste modo, é necessário que a produção espaço urbano seja estudada de maneira cuidadosa e levando em consideração os diferentes agentes e suas relações.

Nesta perspectiva, há de se considerar ainda, a formação e a transformação do espaço territorial urbano do ponto de vista tempore-espacial pelos seus agentes formadores. Embasado nas leituras

de autores que discutem como analisar o espaço urbano numa perspectiva histórica, este pode ser considerado complexo, por sua natureza de ser produto (daí a prevalência de se considerar neste trabalho o espaço como sendo produzido pela sociedade). A cidade enquanto expressão materializada no espaço urbano é um produto social.

As formas materializadas na paisagem urbana são um produto histórico de seus agentes formadores e desta forma, trazem consigo as marcas históricas de diferentes períodos e os processos que constituíram essas aparências. Elas compreendem e constataam o mundo dos fenômenos. A paisagem urbana como forma de manifestação da produção histórica do espaço urbano, reproduz o acontecer de diferentes períodos em um dado momento histórico em que é observada (CARLOS, SOUZA e SPOSITO, 2011). Desta forma, o espaço produzido, geralmente está repleto de contradições.

ANÁLISE DO ESPAÇO URBANO DA CIDADE DE VIÇOSA

O espaço urbano anterior à construção de conjuntos habitacionais

O espaço urbano contém certas representações de interferência entre as relações sociais – produção e reprodução. Partindo do pressuposto no qual é composto o espaço urbano do município de Viçosa fica evidente a grande influência do agente estado em seu desenvolvimento, principalmente à partir da década de 60 do século XX.

A sociedade produz o espaço e passa a ter dele uma determinada consciência. Refere-se ao fato de que a sociedade, ao produzir seus bens materiais e se reproduzir como espécie, produz o espaço geográfico. Todavia, o espaço geográfico é um produto, é um processo que se define como social e histórico.

A geografia, como ciência humana, dedica-se também à compreensão do que se pretende chamar de cidade. Ela propõe o entendimento do espaço urbano como um conjunto de elementos intercambiáveis aos quais é atribuído um valor particular de acordo com as relações que estabelecem entre si e com o meio.

Assim a cidade pode ser vista como uma produção continua da sociedade, que se materializa na paisagem. No município estudado essa produção se dá a partir do início da povoação que remonta ao final do século XVIII, com o nome de “Riacho do Meio”, quando no espaço em que hoje fica o centro da cidade iniciou-se o plantio de algodão, o que atraiu assim, trabalhadores que se fixaram para formar então, o que viria ser inicialmente, um povoado.

Segundo Sá, o historiador Alfredo Brandão afirma categoricamente que:

Em 1790, um agricultor de Alagoas, chamado Manoel Francisco, por determinação do ouvidor José de Mendonça Mattos Moreira, foi estabelecer residência no sítio Riacho do Meio, com o fim de experimentar ali a cultura do algodão. [...] O fato marcante de sua presença no Riacho do Meio foi a transformação da paisagem geográfica. Conduzindo alvará, carta ou documento semelhante, expedido pela mais alta autoridade da então Comarca de Alagoas, concedendo-lhe permissão para “experimentar ali a cultura do algodão”, significava que ia com amplos poderes para construir casas e derrubar matas e capoeirões nos arredores do sítio. (2001, p. 30).

Posteriormente, no século XIX a cultura da cana-de-açúcar juntamente com a instalação de dezenas de engenhos no município tornou a vila um importante centro econômico, atraindo vários outros tipos de atividades fundamentais para atender a demanda da população em constante crescimento.

Depois de decretada a emancipação em 13 de outubro de 1831, o período que se seguiu foi de grande desenvolvimento, tendo a cidade ao final do século instituições financeiras como um banco próprio, vários jornais diários e semanais, teatro, escola de artes cênicas, cadeia pública, um hospital regional, hotéis, fábricas de derivados de milho e café, entre outros. Ou seja, “A produção do espaço, em suas linhas mais gerais, consiste na modificação de um território para que sobre o mesmo possa assenta-se uma população”. (CASTRO, 1980, p. 30).

A cidade de Viçosa tornou-se mais atrativa com a chegada da estrada de ferro, facilitando desta forma, a melhoria de acesso à capital do estado e a outros municípios, o que intensificou assim, as suas relações econômicas. Na metade do século XX, Viçosa já contava com agência bancária (Figura 3) e dos correios; dois cinemas; várias olarias, que desde o século anterior forneceram grande parte do material necessário à construção de casas e prédios industriais; três usinas de açúcar, que mesmo não estando no perímetro urbano tiveram grande importância no desenvolvimento da cidade; uma fábrica de beneficiamento de couro animal; duas fábricas de beneficiamento de algodão. As três atividades econômicas citadas anteriormente juntamente com o uso do trem como principal meio de transporte serviram como base para o desenvolvimento da cidade, gerando intensa relação com o sertão alagoano que fornecia matéria prima para as indústrias de couro e algodão, entre outros produtos, como também facilitou o escoamento da produção a ser exportada.

Figura 3. Prédio inaugurado em 1930 para abrigar o banco de Viçosa – Alagoas – Brasil.



Fonte: Google Earth-Mapas-StreetView. Disponível em: <<http://mapas.google.com/>>. Acesso em: 20 de jan. de 2018

O espaço urbano posterior à construção de conjuntos habitacionais

O crescimento urbano desde a sua formação como cidade se deu lentamente até a década de 1960, quando foi construído o primeiro conjunto habitacional pela Companhia de Habitação Popular (COHAB), atual Companhia Alagoana de Recursos Humanos e Patrimoniais (CARHP), o que trouxe um novo conceito de urbanização com ruas planejadas, área de recreação/lazer em locais estratégicos, casas padronizadas construídas no centro do terreno com espaço entre as mesmas, o que até então, não era comum na cidade de Viçosa, com suas tradicionais casas geminadas. No mesmo conjunto foi construído um colégio estadual de “médio porte” com imponente arquitetura moderna, que passou também a sediar o único curso de magistério da região. Tudo isso trouxe melhorias na qualidade de vida dos moradores desse bairro.

Sendo assim, o governo do estado, passa a ter um papel fundamental na produção deste espaço desigual ao impor determinadas organizações espaciais. Em 1983 o grande déficit habitacional leva o poder público a construir o conjunto Cidade de Deus (Figura 4), o que terminou por originar o bairro

de Mutirão, dobrando assim, o tamanho da cidade. Esse conjunto levou oito anos para ser totalmente pronto e entregue à população de Viçosa. Localizado na zona sul da cidade, margem direita do rio Paraíba-do-Meio, esse conjunto se encontra distribuído em sete núcleos, que os moradores utilizam em seus endereços e denominam como ruas. Nele se encontra ainda, uma escola e dois postos de saúde. A construção foi uma obra do governo federal em parceria com o município, que teve como objetivo, propiciar a população que não tinha condição de possuir casa própria. Foi outro marco expressivo no que se refere à urbanização, já que na sua própria construção, passou a mudar a rotina da cidade, gerando emprego para trabalhadores como: pedreiros, encanadores, eletricitas, carpinteiros, motoristas e muitos outros. O deslocamento de materiais e pessoas, o “vai e vem” de caminhões e máquinas eram intensos, tudo isso devido ao porte do conjunto. Muitas vezes as atividades para construção do conjunto iniciavam logo ao amanhecer e terminavam quando já era noite, e várias pessoas vieram de outras cidades para participar da construção. Tudo isso transformou a vida na cidade, movimentando o comércio, gerando renda aos mais variados serviços prestados.

Figura 4. Vista parcial da construção do conjunto habitacional Cidade de Deus - Viçosa – Alagoas.



Fonte: Disponível em: <<http://drmariosvasconcelos.blogspot.com.br/p/vicosa.html>>. Acesso em: 31 de jan. de 2018>.

Antes da construção do conjunto Cidade de Deus (Figura 5), o núcleo urbano da cidade Viçosa até então se limitava apenas na região em central, onde o número de domicílio era bem pequeno. A saída do grande número de pessoas do campo para a cidade fez com que o poder público municipal cria-se o conjunto em forma de mutirão, no intuito de resolver o grande déficit habitacional que a cidade vinha passando.

Figura 5. Conjunto Cidade de Deus nos dias atuais - Viçosa – Alagoas – Brasil.



Foto: Vanderlan Cassimiro da Silva, jan. de 2018

Com o passar dos anos, a cidade pode ser vista assim como uma produção contínua da sociedade, que se materializa na paisagem. Algumas de suas moradias se tornaram pontos comerciais, mudando o aspecto do “bairro” de Mutirão. As próprias residências também passaram por reformas e já não lembram mais as suas casas de modelos simples. Atualmente, o conjunto Cidade de Deus conta com uma razoável infraestrutura no que se refere ao saneamento básico, iluminação, ruas calçadas. Tem uma escola de Ensino Infantil e Fundamental I, dois postos de saúde, uma quadra de esportes e três praças.

Mesmo assim, o déficit na habitação não foi solucionado com o passar dos anos, obrigando ao poder público a construir mais um conjunto, o conjunto Frei Damião, localizado a oeste da cidade de Viçosa, porém de menor porte comparado ao conjunto Cidade de Deus.

Após a enchente de 2010, muitos que moravam as margens do rio Paraíba-do-Meio ficaram sem casas, então o governo federal enviou verbas para o município assim como para tantos outros que sofreram com a “catástrofe natural” daquele ano. Sendo assim, o núcleo urbano da cidade de Viçosa cresce mais uma vez de forma grandiosa com mais uma obra pública, e desta feita o conjunto residencial Santa Ana (Figura 6) que já é considerado hoje, ele e seu entorno, como sendo o segundo maior “bairro” de Viçosa.

Figura 6. Vista aérea do conjunto residencial Santa Ana – Viçosa – Alagoas – Brasil



Fonte: Google Earth-Maps. Disponível em: <<http://mapas.google.com/>>. Acesso em: 20 de jan. de 2018

O conjunto residencial Santa Ana foi construído com recursos do governo federal e estadual em parceria com a prefeitura municipal. Essa obra foi financiada pelo “Programa Minha Casa, Minha Vida”, do Ministério das Cidades com recursos orçamentários repassados pela Caixa Econômica Federal. Esse programa subsidia a aquisição da casa ou apartamento próprio para famílias com renda até 1,8 mil reais e facilita as condições de acesso ao imóvel para famílias com renda até de 7 mil reais. O conjunto residencial Santa Ana possui 430 casas, destinadas as famílias vítimas da enchente e

moradores de áreas de risco. Possui rede coletora de esgoto, meio fio e ruas calçadas. Fica distante do centro da cidade fazendo com que alguns moradores transformem suas pequenas casas em mercadinhos, ou seja, pequenos pontos comerciais para vender itens de subsistência como pães, aves, carne, gás e água mineral. O aumento no número de domicílios da área urbana sobrecarregou o sistema de abastecimento de água construído no final da década de 1980, o que motivou o Sistema de Autônomo de Água e Esgoto (SAAE) da cidade a perfurar vários poços para suprir a demanda. Este sistema é administrado pela prefeitura, mas é cobrada uma taxa mínima de 35 reais que pode aumentar de acordo com determinados metros cúbicos de água consumida ao mês.

Verifica-se então, que toda definição que envolve a noção na expansão da cidade é reforçada atualmente em razão da realidade contemporânea, constituir-se como a consequência de um processo de desenvolvimento urbano nem sempre compreendido, mas certamente resultante da necessidade de adaptação das condições de vida na sociedade e de acumulação de experiências socioeconômicas e espaciais. Assim, modificando-a cada dia o aspecto urbano da cidade, essa mudança acontece em tempo e lugar determinado, obedecendo às subdivisões do qual o espaço é formado. Nesse sentido é de fundamental importância a análise espacial no processo de produção e reprodução das relações sociais, fazendo sempre uma ponte em do global com relação ao local para que se possa entender assim, o papel dos agentes formadores do espaço e assim conhecer as experiências no cotidiano das pessoas.

É notável estudar como a cidade transforma-se rapidamente e de que forma seus agentes atuam no espaço como mercadoria, apropriada como valor de troca pelos promotores imobiliários. Na cidade de Viçosa, um exemplo dessas transformações pode ser observado a partir de 2008 com criação do distrito industrial e também do residencial (Figura 7) e oito anos depois, ou seja, em 2016 com a construção do condomínio Jardim do Ipê (Figura 8).

Figura 7. Vista aérea do terreno do distrito industrial - Viçosa - Alagoas - Brasil – 2008



Fonte: Google Earth-Mapas. Disponível em: <<http://mapas.google.com/>>. Acesso em: 14 de jan. de 2018

Figura 8. Vista do distrito industrial e também do residencial e futuro condomínio Jardim do Ipê - Viçosa - Alagoas –



Fonte: Google Earth-Mapas. Disponível em: <<http://mapas.google.com/>>. Acesso em: 14 de jan. de 2018

Contudo, é notável estudar também, como o espaço geográfico (Figuras 7 e 8) passou por um processo de transformação e ocupação do seu uso do solo. A sociedade transforma certos elementos do meio segundo suas possibilidades e suas necessidades. Desta forma, o espaço não pode ser reduzido simplesmente a uma localização ou às relações sociais de posse de propriedade, pois ele representa uma diversidade de preocupações sócio materiais. O espaço é uma localização física, uma “peça” de bem imóvel, e ao mesmo tempo, o local geográfico que fornece a possibilidade social de engajar-se na ação. No plano individual, por exemplo, ele não só representa o “local” de ocorrência desses eventos, mas também significa a permissão social de engajar-se nesses eventos.

Essas transformações ocorrem geralmente nas mais diversas formas e de intensidade variada, em diversas “localidades” da cidade, ruas são construídas, casas são demolidas e transformadas para atender outras funções. Tudo isso transforma o aspecto urbano da cidade.

Ao entender o espaço e seus atuantes é possível afirmar que a cidade reflete a forma como cada sociedade o constrói com suas características e funções. Assim, a cidade Viçosa que até o final da década de 60 do século XX se expandiu a margem direita do rio Paraíba-do-Meio (sul) passa agora ganhar nova direção ocupando a sua margem esquerda (norte) com a criação de conjuntos habitacionais implantados pelo Estado, conjuntos e condomínios residenciais privados.

As relações com a produção do espaço, o ambiente construído e natural adquirem uma importância cada vez maior, destacando a natureza como recurso e como valor de uso, reforçando os ambientes naturais como valor para a produção de um novo espaço e transformando-os assim em áreas possíveis de ser urbanizadas. Assim, afirma-se que é cada vez mais comum a venda de loteamentos particulares no município, um destes empreendimentos é o loteamento e também recentemente lançado condomínio Jardins do Ipê (Figura 9), como já foi destacado sua instalação no entorno do Distrito Industrial.

Estes tipos de residenciais possuem uma melhor infraestrutura se comparado as os conjuntos habitacionais de domínio público. Assim, a área urbana da cidade se expande de forma a ser contraditória, ou seja, de um lado conjunto simples com residências humildes (baixo padrão imobiliário) e do outro, casas mais confortáveis e maiores (alto padrão imobiliário). Para Carlos

(1994, p. 193), essa mudança se sobrepõe ao uso “[...] num processo de produção assentado na propriedade privada da terra que gera a apropriação diferenciada do espaço por extratos diferentes da sociedade”. Contudo, evidenciam-se as diferentes formas de apropriação e dominação do espaço urbano que depende tanto e frequentemente da ação humana, tornando-o espaço produzido.

Figura 9. Vista do empreendimento imobiliário em condomínio Jardins do Ipê - Viçosa – Alagoas em 2016



Fonte: Disponível em: <<https://bonom.com.br/imovel/2118-loteamento-venda-alagoas-vicosa-centro>>. Acesso em: 14 de jan. de 2018

Assim, os novos elementos de transformação e alteração das regras de produção do espaço expõem nas novas articulações em torno dos interesses imobiliários, para as articulações políticas e sociais sobre o território. Essas articulações expõem também certas contradições com relação ao uso e apropriação da terra, entendida como valor de troca (mercadoria) e valor de uso (CARLOS, 2001).

Observa-se que, com o distanciamento dos conjuntos residenciais do centro da cidade, surgiu uma maior necessidade por bens de consumo como carros, motocicletas e veículos ciclomotores em circulação (Figura 10). Essa realidade passa a ser comprovada na medida em que nos últimos anos, cresceu o número de veículos e consequentemente de departamentos comerciais que trabalham com esses produtos, como concessionária de motos e carros, oficinas, borracharias, postos de gasolina e lava jatos. Também surgiu a iniciativa de regulamentar o trânsito com a existência do Departamento Estadual de Trânsito de Alagoas (Detran-AL), representado pela nona Circunscrição Regional de Trânsito (9ª Ciretran – Viçosa – AL), presente na cidade a bastante tempo, e mais recentemente dois centros de formação de condutores, e criação da Superintendência Municipal de Transporte e Trânsito (SMTT) da prefeitura de Viçosa – Alagoas, criado em 2013.

Mesmo as pequenas cidades, já perceberam a necessidade de criar alternativas e estratégias para facilitar o tráfego.

[...] Viçosa ainda tem gargalos a serem retificados em suas artérias. É o caso da esquina da Rua do Gurganema que dá acesso à ponte Velha, onde é comum o trânsito parar totalmente quando um veículo maior vai fazer a tangencia na curva, e o pior é a falta de consciência de proprietários de veículos que estacionam nas proximidades, diminuindo ainda mais o espaço. Outro gargalo é o encontro das ruas Vigário loureiro com a Padre Elói, o espaço não é suficiente para o trânsito normal em mão dupla. Alguns motoristas têm em mente que essa via é mão apenas no sentido Praça Apolinário Rebelo/Igreja Universal (Disponível em: <<http://valeagoraweb.com.br>> Publicado em 20/07/ 2013).

Figura 10. Trânsito de motocicletas na área central da cidade de Viçosa - Alagoas – Brasil



Foto: Vanderlan Cassimiro da Silva, jan. de 2018

Nesse contexto, verificou-se que o aumento do número de pessoas que possui motos e ciclomotores é cada vez maior, por ser mais acessível e fácil de conduzir. Essa modalidade de veículos é usada por pessoas que reside nos conjuntos habitacionais mais distantes do centro da cidade, que necessita de locomoção diária para ir e vir do trabalho, resolver assuntos de seus interesses que se encontram ainda localizados na região central da cidade. Por isso, nos horários de meio dia e fim de tarde, o congestionamento em algumas vias da cidade é inevitável, principalmente nas proximidades das duas pontes existentes na cidade, já que não existem outras vias alternativas para “desafogar” o trânsito no seu entorno

CONCLUSÃO

A expansão urbana da cidade de Viçosa teve início com o surgimento de atividades agrícolas na região no fim do século XVII, apresentando crescimento lento até meados do século XIX quando as atividades econômicas começaram a se diversificar, com aumento do comércio e início de industrialização, fazendo

a cidade crescer gradativamente até a primeira metade do século XX. Isto indica que os principais agentes formadores do espaço urbano até então foram os agentes fundiários, comerciais, proprietários e industriais. Já no período entre as décadas de 60 e 90 do século XX, o Estado se tornou o principal agente formador do espaço urbano, pois investiu na construção de grandes conjuntos habitacionais. E mais recentemente os especuladores imobiliários têm ganhado força nos últimos dez anos investindo em loteamentos particulares e condomínios, permanecendo ainda o Estado em primeiro lugar com a construção de mais conjuntos habitacionais de casas populares.

Desta forma, o entendimento que a questão urbana passa pelo entendimento da história ao longo do processo histórico, os conhecimentos e valores produzidos coletivamente na transformação do ambiente provocaram modificações na dinâmica social da cultura humana, que também é a história da relação homem-natureza. Onde ao se apropriar do espaço o transforma para atender suas necessidades, tendo em vista que essa transformação nem sempre é satisfatória.

Procurou-se estudar os elementos econômicos e sociais envolvidos na produção do espaço, na tentativa de melhor compreender o perfil da área urbana da cidade. Verificamos que, a vida urbana ganhou impulso com surgimento de novos seguimentos imobiliários, novas formas de ocupação e diferentes relações sociais que atenderam as necessidades daqueles que a elas se dirigiram.

O espaço urbano da cidade avança sobre o espaço rural. Desse modo, uma nova configuração espacial na maneira como o campo e o rural têm se modificado devido à expansão do processo de urbanização. Portanto, verifica-se que as diferenças desses espaços vão bem além das condições econômicas, mas na forma como o poder municipal investe na manutenção e acesso a saneamento básico, que é constitucionalmente é direito de todos. Nos bairros que surgiram a partir da criação dos programas sócios habitacionais de cunho governamental, pouco se valoriza na construção e criação de espaços públicos como praças e áreas de recreação/lazer, contrapondo assim, os esforços e os incentivos que se dão a concepção de espaços condominiais privados.

REFERÊNCIAS

- BOTELHO, Adriano. O urbano em fragmentos: a produção do espaço e da moradia pelas práticas do setor imobiliário. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2007. 316p.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. A (re)produção do espaço urbano. São Paulo: Edusp, 1994. 270p.
- _____. Espaço-tempo na metrópole: fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001. 368p.
- _____. A reprodução da cidade como “negócio”. In: CARLOS, A. F. A.; CARRERAS, C. Urbanização e mundialização: estudos sobre a metrópole. São Paulo: Contexto, 2005, p. 29-37.
- _____. O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Labur Edições, 2007, 123p.
- CARLOS, Ana Fani A; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org). A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011. 234 p
- CORRÊA, R. L. O espaço urbano. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005. 94p.
- _____. O espaço urbano. São Paulo: Ática, 2004. 94p. (Série Princípios).
- _____. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, p. 41-51, 2012.
- CASTELLS, Manuel. A questão urbana. São Paulo: Paz e terra, 1983.
- CASTRO, I, F. Prólogo. In: DURAN, R,F. Transporte, espaço y capital. Madrid : Nuestra Cultura, 1980. p. 9-21.

ENCICLOPÉDIA MUNICÍPIOS DE ALAGOAS. Carlos Alberto Pinheiro Mendonça: Instituto Arnon de Mello. Leonardo Simões: Coordenação Geral. Maceió - Núcleo de Projetos Especiais, 2012. 540 p.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasil / Alagoas / Viçosa. 2018a. Disponível em:<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/vicosa/panorama>>. Acesso em: 10 de jan. de 2018.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasil / Alagoas / Viçosa. 2018b. Disponível em:<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/vicosa/historico>>. Acesso em: 10 de jan. de 2018.

OLIVEIRA JÚNIOR, Gilberto Alves de. Redefinição da centralidade urbana em cidades médias. Sociedade & Natureza, Uberlândia, 20 (1): 205-220, jun. 2008

LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Tradução: Grupo "As (im) possibilidades do urbano na metrópole contemporânea, do Núcleo de Geografia Urbana da UFMG (do original: La production de l'espace. 4. ed. Paris: Editions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev. 2006.

LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Tradução: Grupo "As (im) possibilidades do urbano na metrópole contemporânea, do Núcleo de Geografia Urbana da UFMG (do original: La production de l'espace. 4. ed. Paris: Editions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev. 2006.

SÁ, Eloi Loureiro Brandão. Viçosa-Cidade das Alagoas (formação e desenvolvimento).Grafitex Editora Ltda. Maceió, 2001. 142p.

SANTOS, Milton; ELIAS, Denise. Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988. 124p. (Geografia: teoria e realidade).

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2014. 260p..